CADERNOS DE ESTUDOS SOCIAIS - Recife, v. 24, nº 2, p. 311-322, jul./dez., 2008

CULTURAS E SABERES JUVENIS: UM DESAFIO CONTEMPORÂNEO[1]

Sandra Pereira Tosta *
Carla Valéria Maia**

Introdução

A escola contemporânea, que acolhe e educa adolescentes e jovens, não pode mais viver enclausurada em seus próprios valores, ignorando os diferentes espaços sociais por onde seus estudantes circulam. Nesses espaços desenvolvem e apreendem hábitos, valores, visões de mundo e saberes. Em outras palavras, eles assimilam uma cultura nem sempre correspondente à escolar, cultura cuja expressão interfere nas relações entre educadores e educandos e entre os próprios educandos.

Por conseguinte, pretendemos com este texto, abordar a relação entre culturas, grupos juvenis e a escola. Acreditamos que é possível construir canais de comunicação entre educadores e gestores de escolas que atendem alunos adolescentes e jovens que vivenciam diferentes espaços de socialização, de formação identitária e, também, de construção e circulação de saberes. Entendemos que a escola e os educadores precisam conhecer e reconhecer a existência desses espaços, condição para o estabelecimento do diálogo entre mestres e alunos.

Conscientes, pois, de que os alunos, no caso deste estudo, são jovens portadores de culturas diferenciadas, construídas em outros espaços, além da escola, parece-nos importante extrapolar os muros da instituição para detectar espaços que concorrem para a socialização dos jovens, para a construção de seus saberes; enfim é importante verificar quais são suas referências de mundo. Nesse sentido, espaços tradicionais como, por exemplo, os grupos comunitários, a igreja, a família, e outros não tão tra-

* Doutora em Antropologia Social e professora da PUC-MG.

** Mestre em Educação. Observatório da Juventude-UFMG.

dicionais, mas profundamente significativos no contexto atual, como a mídia, os grupos culturais, as *gangues*, as *galeras*, as *tribos*, entre outros.

A propósito, os trabalhos de Abramo (1994), Peralva (1997), Spósito (2002, 2003), Novaes (2001), Carrano (2000, 2003), Dayrell (1996, 1999, 2001, 2003), Guimarães (1998), entre outros, revelam preocupação dos autores quanto à relação entre cultura juvenil e escola. Demonstram a importância de efetuarmos um olhar diferenciado sobre os estudantes e suas lógicas de pensar e agir.

Spósito (2000), por exemplo, destaca que o aluno convive com a sua condição sexual, sua cor e sua geração. Enfatiza a autora que essas características constituem as múltiplas dimensões de um mesmo ser e, portanto, precisam ser levadas em conta quando pretendemos melhor compreender a relação entre alunos e escola. Para essa autora, é muito importante, que os pesquisadores se preocupem em pensar os alunos para além dessas características, considerando também a condição juvenil deles para compreender esta fase da vida do ser humano, ainda tão pouco pesquisada na área da educação.

Herschmann (1997), Vianna (1997) e Dayrell (2001) estudaram jovens inseridos em grupos musicais. Concluíram que esses e outros grupos como, capoeira, dança, teatro e religião, se consolidam como espaços importantes de socialização e formação da identidade de jovens.

Analisando a bibliografia mais recente produzida sobre esse segmento da população, principalmente as publicações resultantes de abrangentes pesquisas sobre a juventude brasileira[2], percebemos que, ainda é muito atual e relevante, estudos deste tema que ora apresentamos.

Ressaltamos, porém, que a nossa pesquisa sobre o tema, desenvolvida no período de outubro de 2002 a setembro de 2003, ocorreu em dois cenários: primeiro, numa escola pública municipal, aqui denominada Escola Sédna, segundo, no Grupo de Capoeira M.B[3], criado e coordenado por um jovem capoeirista de 24 anos, morador do bairro onde a escola se localiza. Assim, contamos para a pesquisa, com cenários sobrepostos e interligados, com várias cenas e atores em comum, porém, com textos e enredos distintos e desencontrados. Tínhamos por objetivo, não só observar, descrever e interpretar vivências de jovens estudantes nos dois cenários e, assim, compreender as diversas expressões culturais presentes no cotidiano escolar, como também, verificar como a Escola, através de seus educadores e seus projetos político-pedagógicos, com eles se relacionam.

Para atingir nossos objetivos adotamos a proposta metodológica do Estudo de Caso histórico-antropológico, ou seja, a etnografia na perspectiva da História Cultural (ou Antropologia histórica). Por essa escolha, enveredamos pelo caminho da interdisciplinaridade. Assim, percorremos um caminho complexo e profundamente instigante, buscando abrigo e diálogo com a História, a Antropologia e a Sociologia.

Na Antropologia, buscamos o conceito de cultura e o entendimento da etnografia na proposta de Clifford Geertz, em seu já clássico livro: *A Interpretação das Culturas* (1989). Parece-nos necessário explicitar, como faz o autor que a densidade da descrição não se refere a uma descrição materialmente densa e sim a uma descrição *semanticamente* densa. Para Geertz, a densidade da descrição está na capacidade de o pesquisador *ler* o conteúdo simbólico de uma ação, interpretando-a em busca do significado.

O diálogo com a História, a Sociologia e a Antropologia forneceram-nos elementos que ampliaram o universo de análise e a compreensão dos diferentes contextos que envolvem a relação entre escola, juventude e grupos juvenis. Isso nos auxiliou na busca por uma leitura *densa* que nos revelasse os significados das ações pelos jovens pesquisados e as possibilidades de diálogo entre escola e grupo. Desse modo, mantendo a consciência dos limites da pesquisa, como subsídio, realizamos a observação no campo. Nosso objetivo era fazer uma pesquisa histórica-antropológica para compreender a relação juventude, grupos juvenis e escola. Essa construção teórico-me-

todológica nos permitiu estabelecer o necessário diálogo entre presente e passado e construir uma análise, ao mesmo tempo, sincrônica e diacrônica.

Como procedimento metodológico principal, optamos pela observação participante, priorizando a análise qualitativa dos dados. Os fatos foram observados, descritos, confrontados e interpretados em suas relações, expressões e manifestações no cotidiano da Escola e do Grupo de Capoeira. Esse procedimento nos permitiu perceber como diferentes expressões culturais interagem no cotidiano da vida escolar e demarcam material e simbolicamente a identidade distintiva dos jovens.

Por conta da abordagem histórico-antropológica, optamos pelo estudo etnográfico. Assim, entre idas e vindas no "sítio", observamos por dez meses o cotidiano escolar e do Grupo de capoeira em diferentes espaços e situações como: pátio, quadra, ginásio, recreio, entrada e saída dos turnos, treinos, rodas e encontros do Grupo de Capoeira. Adotamos diferentes técnicas de levantamento de dados e de conhecimento dos sujeitos da pesquisa como: questionário, entrevistas formais e informais, registros fotográficos, longas conversas com atuais e ex-alunos, antigos e novos professores, funcionários e equipes pedagógicas. Tudo isso foi minuciosamente registrado no diário de campo.

Culturas juvenis, grupos e escola: situando os cenários

A Escola Sédna, palco maior desta investigação, é símbolo desta relação entre juventude, grupos culturais e escola. Ela faz parte da Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte e localiza-se na fronteira entre um bairro periférico e uma das maiores favelas da cidade.

Assim, do lado *de baixo* faz fronteira com um bairro residencial, com pouco comércio que abriga uma população identificada como classe média e média baixa. Do outro lado, *o de cima*[4], está a favela, com seus barracões, suas ruas divididas e controladas pelas gangues do tráfico de drogas. Pensando com Da Matta (1997) essas fronteiras geográficas delimitam material e simbolicamente *espaços sociais distintos*. E a Escola situa-se territorial e culturalmente na fronteira entre esses dois espaços de onde vêm os alunos. Como as demais escolas que compõem a Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte, a Escola Sédna faz parte do projeto implantado, em 1994, pela Secretaria Municipal de Educação – *Projeto Escola Plural*[5], com a adoção do sistema de ciclos de aprendizagem e progressão automática.

A Escola funciona em três turnos. No turno da manhã, atende adolescentes na faixa etária entre 11 e 13 anos, oferecendo o 3°. ano do 2°. ciclo e 1° e 2° ano do 3° ciclo (5ª, 6ª. e 7ª séries do Ensino Fundamental). No turno da tarde, atende adolescentes na faixa etária entre 14 e 17 anos, concluindo o terceiro ciclo (7ª. e 8ª. séries do Ensino Fundamental) e o Ensino Médio Regular. No turno noturno, recebe alunos de diferentes faixas etárias oferecendo o Ensino Fundamental, a partir do 3° ano do 2° ciclo (antiga 5° série) e Ensino Médio. Segundo dados de professores, estudam nesse turno desde adolescentes de 14 anos, jovens entre 18 e 25 anos, até adultos na faixa dos 40 anos de idade.

Na opinião de grande parte dos professores pesquisados, os valores culturais expressos pelos jovens na escola *entram em choque* com os valores transmitidos por seus professores. Alguns deles admitiram ter dificuldade em lidar com seus alunos, por serem eles portadores de valores muito diferentes dos seus (professores) e da Escola. Aliás, durante a entrevista, ora atribuíam aos alunos valores contrastivos aos deles, ora atribuíam-lhes valores negativos ou que eles não possuíam valores. Nas falas dos docentes, era recorrente associar ao jovem demonstração de força e poder, rebeldia, desafio, contradizendo os valores da Escola, a propósito, eis o comentário de um desSes professores: "Muitas vezes é difícil para os alunos respeitarem as regras da Escola, por quererem impô-las. Existe um choque de valores o que dificulta o trabalho." (PM)

Mas, paradoxalmente, esses mesmos professores demonstraram ter preocupação e interesse em conhecer mais seus alunos, ter mais conhecimento sobre valores, visões de mundo, expectativas e sobre a Escola Sédna. Na opinião deles, esse conhecimento os auxiliaria a aproximarem-se dos jovens, permitindo, então, *um intercâmbio do que trazem com os novos conhecimentos, o que não deixa de causar um choque cultural. Às vezes ou sempre, eles* (os jovens) *trazem a sua cultura e não se interessam por outras culturas. (P.B).*[6]

De acordo com o depoimento de um dos professores atualmente assistimos à extrema valorização das manifestações culturais dos jovens. *Essa ênfase no jovem* associada "*a sua tendência natural à contestação*" teria formado uma aura em torno das tribos e seu comportamento, passando a idéia, para a juventude, de *que tudo é permitido.* (PM)

Em adição, a imagem de abismo entre os objetivos e os valores da escola e dos alunos, foi manifestada com muita freqüência pelos docentes. Segundo eles, isso ocorre porque a escola está muito preocupada com a transmissão de conteúdos, preparação para concursos e para o trabalho, ficando, assim, distante das demandas atuais dos jovens. Por conseguinte, alunos que buscariam a escola mais como um espaço de socialização do que de aquisição de conhecimento, não estariam preocupados em conhecer outros referenciais culturais que não os do seu grupo ou da comunidade de pertencimento.

Sobre o Grupo de Capoeira os professores percebiam-no, na Escola, como *uma oportunidade importante de desenvolvimento de valores relacionados com a disciplina, a cooperação, o acatamento.* Consideravam, porém, *uma pena que tais atitudes fiquem restritas à capoeira.* Na percepção desses professores, os alunos não transferem para a escola as atitudes e os valores que desenvolviam na atividade da capoeira.

Para um deles, *a capoeira aproxima os alunos da Escola [...], resgata alguns valores.* Mas, de acordo com outros colegas, acredita que *esses valores se perdem; não são transpostos para a vida e sim para o momento* (da capoeira)

O Grupo de Capoeira em cena

Na época em que a pesquisa foi realizada, o Grupo de Capoeira M.B era formado por, aproximadamente, quarenta jovens. Desses, cerca de metade era flutuante: alguns entravam e saíam, paravam as atividades e voltavam. Em contrapartida, havia um outro grupo mais assíduo e participativo: o da *Galerinha da Capoeira.* A propósito, ao término da observação de campo, havia alguns que já estavam assumindo funções dentro do próprio grupo, responsabilizando-se pelos treinos da Oficina de Capoeira do Projeto Sexta Cultural que se realizava no turno da noite, na Escola, além de se prepararem para começar suas próprias turmas. Nessa *Galerinha*, concentramos nosso Olhar!

A Galerinha da Capoeira caracterizava-se pela grande diversidade cultural e de trajetórias. Era formada por meninos e meninas entre 13 e 20 anos, estudantes ou ex-estudantes da Escola Sédna e moradores do bairro e da favela. Compunham-se, na maioria, de brancos, pardos e negros nascidos em Belo Horizonte, vindos de cidades vizinhas ou do interior, distribuídos nos três turnos e nos diferentes ciclos. Essa diversidade do grupo, aliada ao fato de esses jovens transitarem entre os espaços da escola, da capoeira, do bairro e da favela, foi fator decisivo para a escolha da Galerinha como sujeitos da pesquisa.

O Grupo M.B tinha como objetivos, por meio da prática da capoeira, não só divulgar e preservar esta arte-dança, como também estimular a participação de jovens em atividades culturais, lúdicas e criativas; incentivar a participação dos jovens em ações sociais e de voluntariado; criar estratégias e alternativas para a inserção social dos jovens, afastando-os das drogas e da violência que os cercavam.

Escola e Grupo de Capoeira: Culturas, Saberes e Aprendizados Juvenis

Os grupos juvenis ainda são pouco pesquisados no campo da educação, principal-

mente, quando se trata de estudos sobre saberes e aprendizados juvenis. Geralmente eles são definidos como espaços espontâneos, organizados em torno de atividades esportivas, artísticas, religiosas, políticas ou outras atividades culturais.

Neste texto, focamos o grupo como um espaço de socialização, formação identitária dos jovens e, também, como espaço privilegiado de construção e aprendizado de saberes juvenis. Para tal consideramos as reflexões de Brenner, Dayrell e Carrano (2005) no texto *Culturas do lazer e do tempo livre dos jovens brasileiros*. Desse modo, entendemos que o conhecimento das formas e dos espaços de ocupação do *tempo livre*, dedicados ao *lazer* pelos jovens é fundamental para a construção de conhecimentos sobre essa fase da vida, suas representações e relação com o espaço e saberes escolares.

Analisando os dados da pesquisa nacional sobre a juventude brasileira, os autores supracitados demonstram que *é principalmente nos tempos livres e nos lazeres, que os jovens constroem suas próprias normas e expressões culturais, ritos, simbolismos e modos de ser que os diferenciam do mundo adulto* (BRENER et al, 2005, p. 176). Dessa forma, os autores significam o lazer como tempo sociológico no qual a liberdade de escolha é elemento preponderante e constitui, na juventude, um campo potencial de construção de identidades, descoberta de potencialidades humanas e exercício de inserção efetiva nas relações sociais. Acrescentam, ainda, que, pensado como tempo sociológico, o lazer – nesse sentido, o grupo de pares ocupa a centralidade nas experiências juvenis – pode ser percebido como espaço de aprendizagem das relações sociais, com a diferenciação primordial em relação à instituição escolar. No tempo de lazer, nos grupos de pares, como o Grupo de Capoeira M.B, a aprendizagem é realizada em contexto de liberdade e experimentação, longe do olhar e do controle dos adultos.

Desse modo, enfatizamos que, no Grupo de Capoeira M.B, os jovens, em contexto distinto da escola, distante dos adultos, nas trocas entre eles, construíam aprendizados variados e de formas diversificadas. Esses saberes e formas que emergiram durante nossas observações, no trabalho de campo, serão apresentados a seguir.

Primeiramente, parece-nos necessário esclarecer que a oralidade é um dos aspectos marcantes da prática da capoeira. Todo capoeirista *de verdade* conhece as histórias da origem da capoeira, dos mestres, das músicas e dos próprios movimentos que fazem parte dos *fundamentos* da capoeira e que são necessários para o jovem tornar-se elemento de um grupo de capoeira, receber determinada corda, ser batizado e, assim, ser reconhecido pela comunidade da capoeira.

Posto isso, nossa pesquisa demonstrou que a oralidade era muito marcante no Grupo M.B e apresentava-se como um dos principais instrumentos de transmissão dos conhecimentos sobre a história e a *tradição* dessa luta-arte. No convívio com os mestres ou professores mais antigos, os novos capoeiristas entravam em contato com essa expressão cultural, suas histórias, imagens, heróis, mensagens e rituais.

Associada à linguagem corporal, a oralidade compunha os principais recursos pedagógicos por meio dos quais os diferentes saberes circulavam. Isto não quer dizer que os jovens não se utilizassem, também, da escrita ou de meios de comunicação digital como a *internet*, na troca de informações com outros grupos distantes, além de acessarem *sites* informativos específicos sobre esta temática.

Por meio de movimentos corporais, músicas, instrumentos e histórias, os jovens ensinavam e aprendiam saberes específicos acerca da capoeira. Nesse processo, preservavam-se saberes acumulados em muitos anos de história. E, como é próprio da prática da capoeira, esses saberes adquiridos eram incorporados a outras referências ou a elas se mesclavam criando novos saberes e formas.

Observando os espaços e tempos dos treinos e rodas, percebemos que eram estabelecidos fortes laços afetivos entre os jovens e

o aprendizado de variados saberes. A esse respeito, lembra-nos Charlot, no livro *Os jovens e o Saber: perspectivas mundiais*, que:

> *aprender é apropriar-se do que foi aprendido, é tornar algo seu, é interioriza-lo. Contudo, aprender é também apropriar-se de um saber, de uma prática, de uma forma de relação com os outros e consigo mesmo, que existe antes que eu a aprenda, exterior a mim.* (CHARLOT, 20001, p. 20)

Também durante os treinos, batizados, eventos e rodas de capoeira, pudemos observar a variedade de saberes que circulavam nesses espaços, quando, então, os jovens deveriam demonstrar constantemente conhecimentos variados de capoeira, além de dinamismo e capacidade de relacionar-se com seus semelhantes. Assim, deveriam:

> 1) saber dar os golpes, fazer os alongamentos, cuidar da postura, conhecer os rituais da Roda de Capoeira, saber tocar instrumentos como atabaque, berimbaus, pandeiros e xique-xique, canto, dança e expressão corporal;
>
> 2) respeitar os códigos de inserção no grupo, seja ao falar, vestir-se, trançar e enfeitar os cabelos, respeitar as hierarquias, etc;
>
> 3) trocar experiências pessoais, respeitar valores como união, ser sincero, tolerante, amigo dos colegas, ter disciplina, entre outros;
>
> 4) ter noção de distribuição espacial e lateralidade, de estudos da História do Brasil, da História da Capoeira, da Cultura afro-brasileira;
>
> 5) organizar eventos, trabalho comunitário, estimular a prática do exercício de cidadania, dentre outros.

A forma como ocorriam os aprendizados variava bastante, dependendo do tipo de saberes. Geralmente seguiam uma certa trajetória ou percurso desenhando o que denominamos *trama circular.*

Essas trocas de experiências e de saberes partiam de diferentes pontos, como distintas também eram as chegadas. Se fizermos um desenho desse movimento, chegaremos a uma imagem próxima de um tricô, trabalho manual muito utilizado nas cidades do interior de Minas Gerais, hoje quase desconhecido e que se denominava bordado circular. Esse trabalho era realizado em um pedaço de madeira sobre a qual pregos pequenos eram fincados. Aí, os fios das linhas eram trançados, configurando-se pequenos círculos, que, depois, iam sendo costurados a outros formando colchas, tolhas de mesa, cortinas, forros de bandeja, e outras peças de uso decorativo e utilitário.

A seguir, apresentaremos cinco figuras por meio das quais representamos as posições dos alunos e do professor/monitor durante os treinos e rodas, conforme descrição a seguir.

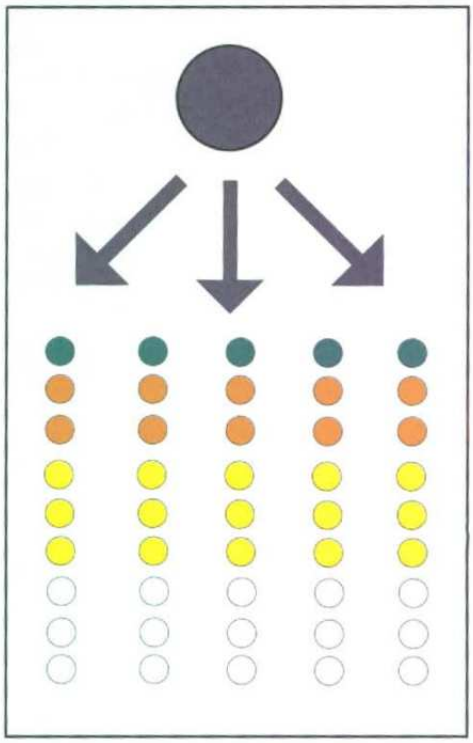


Figura 1- Formação Inicial

Observando o desenho, o sentido professor colocado em destaque, no alto, e alunos na vertical, verificamos que ele lembra a forma tradicional dos treinos, baseada nos métodos da pedagogia tradicional e, em particular, da Educação Física praticada a partir da década de 1930. Como tal, mantém uma forma espelhada na hierarquia militar, apresentando traços autoritários. Assim, o saber parte do alto da quadra onde se posiciona o

professor e é distribuído aos alunos a partir da hierarquia do grupo, estabelecida pela graduação na capoeira. Nessa perspectiva, o saber se deslocava do professor para os alunos e, nesse sentido, aparentemente contemplava o pressuposto de que o que se ensinava chegaria a cada aluno, de acordo com sua posição e capacidade. Muitos saberes, especialmente os ligados aos movimentos e golpes da capoeira, tinham esse formato de distribuição.

Contudo é importante salientar que, apesar da forma herdada dessa pedagogia tradicional e sua manutenção com marcas autoritárias, a postura do mestre, tanto em relação ao saber, quanto na relação com os aprendizes, não era de forma alguma autoritária.

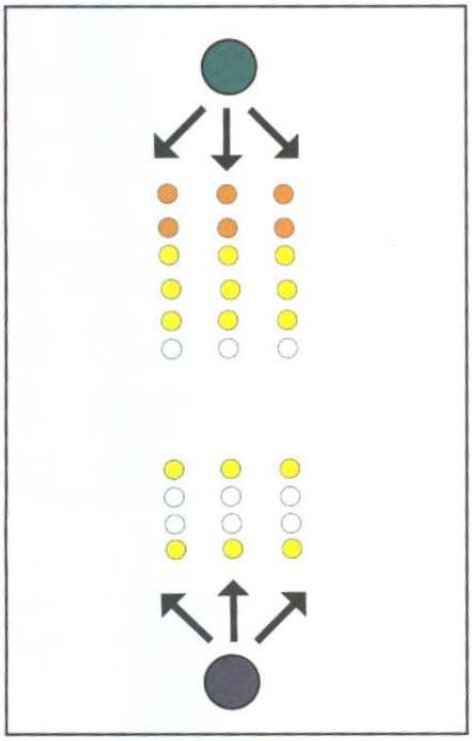


Figura 2 – Começando a trama

Após um primeiro momento na posição indicada na figura 2, o professor estabelecia um intervalo e, ao voltar, ele já mudava um pouco a forma de conduzir a aprendizagem. Ele dividia a turma em dois grupos. Um ficava sob a sua coordenação e o outro sob a coordenação de algum aluno. Antes do batizado, a coordenação era realizada pelos alunos mais experientes e assíduos. Após o batizado, passava a ser realizada pelos alunos com graduações mais elevadas. Importante ressaltarmos, nesse ponto, que já existia certa divisão de papéis e responsabilidade entre o professor e os alunos.

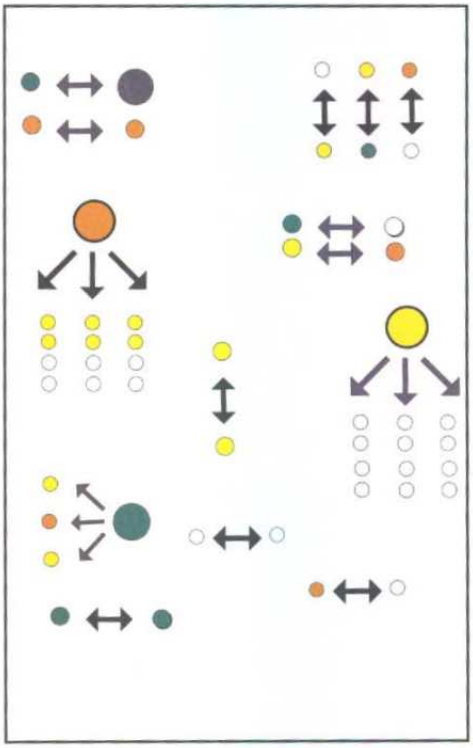


Figura 3- Diversificando a trama

Nos treinos, depois dos intervalos, os jovens estavam posicionados em filas formando linhas e colunas uniformes, conforme mostram as figuras 1 e 2, se apropriavam do espaço da quadra e, de aprendizes, passavam a professores, independentemente da idade ou do sexo. As posições de professor e aluno variavam não só de acordo com o movimento a ser aprendido ou desenvolvido com maior rapidez, força, agilidade, entre outros aspectos, como também com a habilidade de cada jovem no exercício desses movimentos. Nessa dinâmica, mapeando a quadra, assistíamos ao surgimento de diferentes desenhos e configurações de modos e relações de aprendizagens.

Em seguida, percebíamos que algo semelhante ocorria no interior do treino quando, após um momento, o grupo se subdividia em

sub-grupos, duplas, trios, quando, então, os jovens exerciam papéis ora de aprendizes, ora de professores. Nessa segunda formatação, o professor dividia seu papel com os alunos mais graduados, ora dividindo a turma em dois ou três grupos menores, ora redesenhando grupos. Nesse processo, os alunos trocavam de posição: ora ensinavam aos seus pares, ora com eles aprendendo. E o professor apenas coordenava e/ou corrigia algum movimento ou golpe que não estivesse sendo praticado adequadamente.

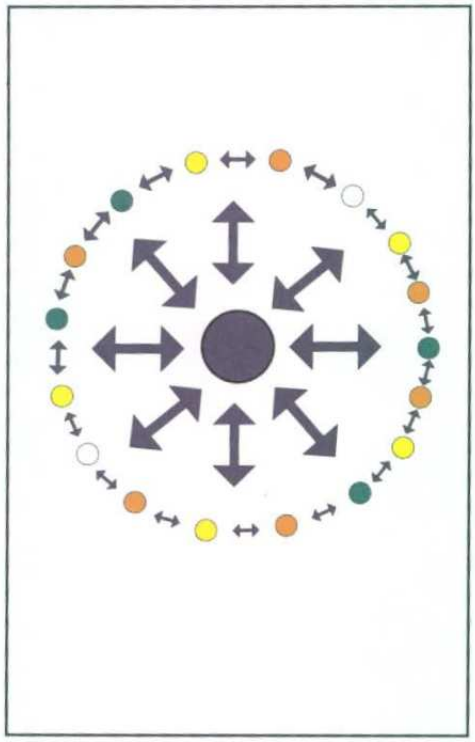


Figura 4- A formação da trama circular

Como mostra esta figura, as rodas de capoeira iniciavam-se com todos seus integrantes posicionados em círculo. *A Roda se forma*. Nessa dinâmica, diversos saberes circulavam entre os jovens e o professor. Este, na maioria das vezes, ocupava o centro da roda de onde transmitia informações diversas que motivavam debates sobre valores, comportamentos e posturas entre os jovens. Daí, juntos, elaboravam estratégias para solucionar problemas de relacionamentos interpessoais e de organização dos eventos do grupo. Estabeleciam assim, situações dialógicas e comunicativas.

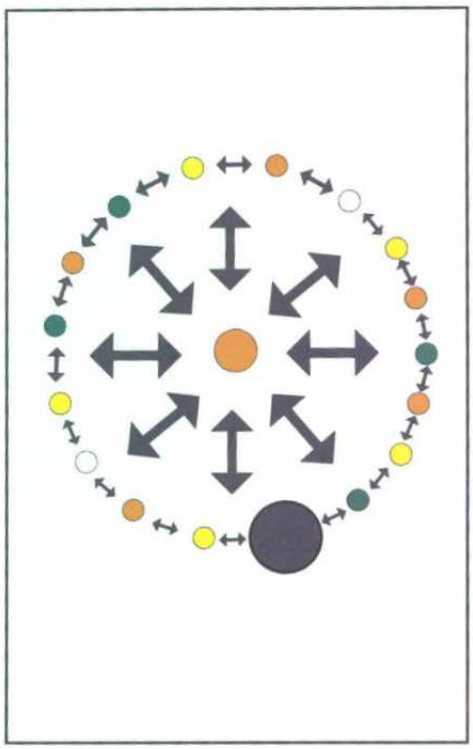


Figura 5- Desenhando novo tricô

Durante a pesquisa, em vários encontros observamos que o professor trocava de lugar com os alunos, como mostra a figura acima. Ele se posicionava no círculo, ao lado dos alunos e, assim, um dos alunos vinha ocupar o centro da roda. Nesse momento de trocas, o professor sempre falava o que sentia ou percebia no grupo, principalmente em relação aos conflitos interpessoais. Mas, nessa posição, ele rompia com normas estabelecidas e, ignorando claramente seu privilégio de falar, de nomear e definir, ele passava a fala para os jovens que ocupassem o centro da roda. Assim, o protagonista da cena passava a ser o aluno. Retomando Clastres (1982), com essa atitude *emponderava* os jovens, dando-lhes poder de participar do discurso e das representações do e no grupo e sobre eles mesmos.

Considerações finais

Um estudo etnográfico como este não nos permite conclusões ou generalizações. No entanto, podemos contribuir com algumas considerações, fruto de nossas investigações, amadurecidas pela relação e reflexão teoria-prática estabelecidas nas vivências como edu-

CADERNOS DE ESTUDOS SOCIAIS - Recife, v. 24, n. 2, p. 311-322, jul./dez., 2008

cadoras. Acreditamos que elas possam auxiliar na elaboração de projetos e ações educativas de educadores, gestores escolares e equipes pedagógicas envolvidas na construção de relações mais horizontais e enriquecedoras com os estudantes jovens. Dessa forma, poderemos nos aproximar um pouco mais de nossos jovens alunos e compreender melhor o universo cultural juvenil, entendo-o como parte constituinte do próprio universo escolar.

Assim, a primeira e importante consideração que a pesquisa nos apontou é que o Grupo de Capoeira M.B estava na Escola Sédna, mas não fazia parte dessa instituição.Havia pouca porosidade, pouco diálogo entre o grupo e a escola, apesar de algumas importantes iniciativas dos docentes e do grupo. Em grande medida, os docentes desconheciam o que acontecia nesse seu *pedaço enxertado.* Dessa forma, o Grupo M.B se localizava em um lugar intermediário, situado na fronteira *entre* o espaço de *dentro* e o espaço de *fora* da Escola Sédna.

Na trajetória e vivências juvenis, os territórios do Grupo M.B e da Escola Sédna confundiam-se, pois, ocupavam, geograficamente, o mesmo espaço. Mas os jovens estudantes tratavam de delimitar, simbolicamente, a Escola e o Grupo, pelas mesmas referências espaciais: dentro e fora do portão do estabelecimento escolar. Desse modo, na prática, a Escola Sédna, e o Grupo M.B permaneciam cindidos pela pouca permeabilidade das relações entre eles.

Por outro lado, Grupo M.B e Escola Sédna, compunham o *território* de socialização, interação, formação de valores, identidades e perspectiva de projetos para a maioria dos jovens pesquisados. Ambos, situavam nas *fronteiras* entre os espaços sociais e as distintas trajetórias juvenis. A Escola Sédna e o Grupo de Capoeira, em muitos momentos, tornavam-se palco dos encontros e desencontros desses espaços/mundos sociais tão próximos e tão distintos, em suas regras de convivência e valores.

Nesse cenário, Escola Sédna e Grupo de Capoeira ocupavam um lugar social de fronteira, entre-lugares: o social *de cima (favela)* e o social *de baixo (os bairros do entorno).* Esses espaços estavam totalmente imbricados, porém, cindidos. Escola e Grupo lidavam diferentemente com essa situação incômoda de interstício de mediação.

Por causa da condição de fronteira da Escola e do Grupo de Capoeira, suas relações se constituíam nos interstícios e fímbrias desses dois mundos sociais. Ambos marcados pela exclusão econômica e cultural, porém, simbolicamente separados pelo tipo e profundidade da exclusão e pelas regras e valores formados nesses espaços e diante das situações específicas de exclusão. Concluímos, também, com este Estudo de Caso, que eram muitos e distintos os significados do Grupo de Capoeira na vida dos jovens. Ele ocupava o lugar de outras atividades ou lugares onde os adolescentes gostariam de participar e não podiam, como a ginástica, o balé, o cinema, o teatro. Nele namoravam, relacionavam-se, teciam laços de amizade, partilhavam sonhos e dificuldades. Nele, dividiam suas angústias, extravasavam suas emoções, discutiam, expressavam seus medos, suas raivas. No Grupo disputavam espaço, definiam identidade, trocavam e assumiam diferentes papéis. Também no Grupo, colocavam em xeque seus valores e suas dificuldades, superando obstáculos, criando uma imagem positiva de si e dos outros. A participação no Grupo ampliava seus horizontes, suas perspectivas atuais e futuras de vida, permitindo elaborarem estratégias e caminhos alternativos.

Ao final, no Grupo de Capoeira cada participante, a seu modo, encontrava referências, modelos, vislumbrava possibilidades que o ajudavam a se situar dentro de um mundo em permanente mudança, como o que vivemos. Ele constituía, para muitos adolescentes, um ponto de apoio podendo comparar e compartilhar as diferentes experiências de vida, conciliar vivências, por vezes, contraditórias e transformá-las.

Mas o Grupo de Capoeira também era um espaço de conflito de várias ordens: aparência física, papéis, lugares e por disputas

pessoais. Na maioria das vezes, porém, tais conflitos eram *postos na roda*! Eram discutidos, analisados e cada um expunha seus sentimentos e opiniões. Aliás, constatamos que a maioria dos conflitos servia para unir mais o grupo e fortalecer a autoridade do professor, constituindo, na sua explicitação, um espaço de formação de opiniões e valores que conformavam aquelas identidades juvenis.

Nesse singular universo juvenil pesquisado, impressionava-nos a pluralidade de vivências e trajetórias juvenis que abrigam tantas histórias e configurações diferentes. Com certeza, vários Estudos de Casos, densos e reveladores, da condição juvenil e das relações analisadas, poderão, ainda, ser realizados.

Com efeito, esta pesquisa evidenciou que a Escola Sédna era o espaço onde as várias juventudes se encontravam, as diferenças se cruzavam e se mesclavam. No Grupo de Capoeira e na Escola Sédna os jovens pesquisados elaboravam saberes práticos e cotidianos com os quais buscavam construir estratégias e táticas diferenciadas para livrarem-se das dificuldades ou a elas resistirem, ou mesmo forjar caminhos diferentes daqueles já postos em seu viver cotidiano. Os caminhos individuais confluíam-se e eram partilhados nos grupos de pares, por amigos, colegas da escola, da vizinhança, famílias, ou no Grupo de Capoeira. Em suas estratégias e trajetórias, Escola e Grupos se encontravam e se complementavam.

Por conseguinte, consideramos que a escola poderia ser um lugar privilegiado para a comunicação intercultural e para a constituição de sujeitos que conciliam sua *cultura particular* com as múltiplas formas de participação no mundo. Mundo esse que, no dizer de Certeau (2003), o antecede, constituído por regras preestabelecidas, formando sua própria identidade. Nesse sentido, a escola deveria ser o lugar, onde, tanto professores, quanto alunos, sejam considerados sujeitos de direitos. Assim, nessa relação dialógica, ambos construiriam novos referenciais de identidade e convivência plural.

Apesar da dificuldade de diálogo e de reconhecimento entre culturas juvenis e escola, tanto a Sédna quanto o Grupo de Capoeira eram percebidos e usufruídos pelos jovens como espaços de socialização, formação e inserção social e, portanto, espaços educativos e significativos na construção identitária. Ambos eram considerados fundamentais em suas estratégias de vida, dentro das condições e expectativas diferenciadas advindas de suas condições concretas de pertencimento, inserção econômica, social e cultural.

Por último, queríamos enfatizar que o Grupo de Capoeira M.B pode ser considerado como um espaço educativo, assim como a Escola, pois é um *locus* privilegiado de construção e trocas de valores, saberes e referências identitárias. Junto com a Escola, o Grupo constituía uma das poucas opções e espaços de socialização, cultura, lazer e esporte para os jovens dentro da região onde moravam, o que, em certa medida, explica a importância desse espaço, assim como de outros grupos para essa população.

Diante desse cenário, tornamos a enfatizar que cabe a nós, educadores, compreender as culturas juvenis presentes em nossas escolas. Por isso, devemos, primeiramente conhecer os jovens que estudam em nossas escolas. Isso demanda averiguar os sentidos e significados dos seus grupos culturais, que saberes neles circulam ou são construídos, que influências recebem e como as recebem e as (re)semantizam. E, finalmente, devemos indagar o que as questões postas por eles, nesses diferentes cenários, têm a nos dizer sobre escola, currículo, conhecimento etc. Acreditamos que essas questões podem apontar caminhos que nos mostrem o lugar da escola na vida dos jovens.

CADERNOS DE ESTUDOS SOCIAIS - Recife, v. 24, nº. 2, p. 311-322, jul./dez., 2008

Notas

[1] Este texto fundamenta-se na pesquisa realizada para conclusão do Mestrado em Educação da PUC – Minas, cuja dissertação foi: Entre Gingas e Berimbaus: estudo de caso sobre culturas juvenis, grupo e escola. Julho de 2004.

[2] Referimo-nos às seguintes pesquisas: – Retratos da Juventude Brasileira – analises de uma pesquisa nacional, organizada por Helena Wendel Abramo e Pedro Paulo Martoni Branco, Juventude e Sociedade: Trabalho, Educação, Cultura e Participação, organização de Regina Novais e Paulo Vannuchi e Democracia Viva: especial Juventude e política, coordenada pelo Ibase e pelo Instituto Polis, em parceria com uma rede de instituições e apoiada pela Rede Canadense, Centro de pesquisas para o desenvolvimento Internacional – IDRC,(sigla em Inglês).

[3] De acordo com as recomendações do Conselho de Ética na Pesquisa, adotamos nomes fictícios para preservar a identidade da escola e do grupo de capoeira.

[4] Termo utilizado por funcionários da escola e regional para situar econômico e socialmente os alunos.

[5] Projeto político-pedagógico implementado em 1994, na Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte, pela Secretaria Municipal de Ensino.

[6] Os nomes dos professores entrevistados foram omitidos para preservação de suas identidades.

Referências bibliográficas

ABRAMO, Helena Wendel. *Cenas juvenis; punks e darks no espetáculo urbano.* São Paulo: Scrittta, 1994.

ABRAMO e BRANCO (ORG). *Retratos da juventude srasileira: análises de uma pesquisa nacional.* São Paulo: Instituto Cidadania/ Editora Fundação Perseu Abramo, 2005.

BRENER, DAYRELL e CARRANO. "Culturas do lazer e do tempo livre dos jovens brasileiros". In: ABRAMO e BRANCO (ORG). *Retratos da juventude brasileira: análise de uma pesquisa nacional,* São Paulo: Instituto Cidadania e Editora Fundação Perseu Abramo, pp. 175-242, 2005.

CARRANO, Paulo. "Identidades juvenis e escolas". In: *Jovens, escola e cultura. Revista de Educação de Jovens e Adultos.* São Paulo: RAAAB, nº. 10, pp. 9-18, novembro de 2000.

CARRANO, Paulo César Rodrigues. *Juventudes e cidades educadoras.* Petrópolis: Vozes, 2003.

CLASTRES, Pierre.: "A Sociedade contra o Estado". Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982. In: MONTENEGRO, Antônio Torres. *História oral e memória: a cultura popular revisitada. São Paulo: Contexto, 1992.* (Coleção Caminhos da História).

CERTEAU, Michel de, GIARD, Lucy, MAYOL, Pierre. 5ª ed. *A invenção do cotidiano: morar e cozinhar.* São Paulo: Vozes, 2003,.

CHARLOT, Beranrd (org). *Os jovens e o saber: perspectivas mundiais.* Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

DA MATTA, Roberto. "A Casa e a rua – espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil". Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1997.

DAYRELL, Juarez. (Org). *Múltiplos olhares sobre educação e cultura.* Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996.

DAYRELL, Juarez. *Juventude, grupos de estilo e identidade.* Educação em Revista, Belo Horizonte, nº. 30. dez.1999.

_____. *O Jovem como sujeito social.* Revista Brasileira de Educação. São Paulo: Anped, set/ out/nov/dez., nº. 24, 2003.

_____. *A música entra em cena: o Rap e o Funk na socialização da Juventude em Belo Horizonte.* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

IBASE. *DEMOCRACIA VIVA – Especial Juventude e Política,* jan/mar, 2006.

GUIMARÃES, Eloisa. *Escolas, galeras e narcotráfico.* Rio de Janeiro: UFRJ, 1998.

GEERTZ, Cliford. *A Interpretação das culturas.* Rio de Janeiro: LTC, 1989.

NOVAES, Regina Reyes. Juventude e participação social: apontamentos sobre a reinvenção da política. In: ABRAMO, Wendel et ali (org.). *Juventude em debate,* DP&A, pp. 46-70, 1999.

NOVAIS e VANUCCHI, (Org.). *Juventude e Sociedade:* trabalho, educação, cultura e participação. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

PERALVA, Angelina. O *Jovem como modelo cultural.* Revista brasileira de educação. São Paulo: ANPED, nº. 5/6, 1997.

SPÓSITO, Marília Pontes. *Estado do conhecimento sobre juventude e educação.* São Paulo: Inep 2000. Disponível em www.inep.gov.br, acesso em setembro 2002.